

EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA. AS TRAMAS DA MEMÓRIA UNIVERSITÁRIA A PARTIR DE DEPOIMENTOS ORAIS

Yvone Dias Avelino*

Resumo

Este artigo se propõe apreender a trajetória dos primeiros reitores leigos da PUC-SP, que, como intelectuais engajados, estiveram na proa da caminhada educacional da Universidade, projetando-a na sociedade. Apontar os novos rumos assumidos pela comunidade universitária nos contornos e arestas das suas gestões à frente da Reitoria da PUC-SP, na qual o processo democrático se instalou em um momento histórico, num regime de exceção, marcando uma enorme dissonância com as demais universidades brasileiras.

Palavras-chave

Universidade; democracia; Reitoria; Igreja; Sociedade.

Abstract

This article approaches the lives of the first laic rectors of the Catholic University of São Paulo (PUC-SP), who, as intellectuals concerned about society's social and political problems, led the educational trajectory of the university, projecting it to the society. It also points out the new routes taken by the university community, in terms of the features of the rectors' management at the head of PUC-SP's rectorship, where the democratic process took place in a certain historical moment, in a regime of exception, indicating an enormous difference in relation to the other Brazilian universities.

Key-words

University; Democracy; Rectorship; Church; Society.

* Professora do Departamento e do Programa de Estudos Pós-Graduados em História – PUC-SP.

Cada época opta por um passado, cada existência nova transfigura a herança que dele recebe, atribuindo-lhe um novo futuro, conferindo-lhe um novo significado.

Raymond Aron

O presente artigo, ao ser escrito, levou-nos a pensar nos muitos momentos vividos. Lembranças e reminiscências de um mundo acadêmico vivenciado com toda a plenitude de um ideal. São ecos de um passado, que nos chegam como se estivéssemos contemplando o que foi e não aconteceu, o que aconteceu e que não foi. Ideais e sonhos que não se realizaram, lutas e embates que nos desgastaram, mas não nos tiraram o ânimo para novas empreitadas que nos impulsionaram a continuar a perquirir novos ideais com forças revitalizadoras e propostas ainda mais originais.

É uma vida de esperanças, de empreendimentos, realizações, frustrações, ecos de uma longa e árdua caminhada. Vamos lembrar para realizar.

Nos anos oitenta, quando coordenávamos o curso de História na Pós-Graduação, chegou-nos às mãos uma proposta instigadora, a de acrescentar ao currículo do mestrado em História um curso de Documentação Oral, que passou a ser ministrado pela Prof^a Dr^a Luciara S. Aragão e Frota, que hoje trabalha na Universidade de Brasília, na área de Relações Internacionais. Eram poucos docentes que aceitavam a Documentação Oral como uma fonte para as pesquisas históricas contemporâneas. A grande maioria era refratária, e talvez, não fosse isso, a PUC-SP, depois do CPDOC, seria pioneira na objetivação do assunto na academia brasileira. A própria USP só a aceitou através do CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos) e dos esforços do Prof. Dr. José Carlos Sebe, do Departamento de História, nos anos noventa, com a proposta de criação da Associação Brasileira de História Oral¹.

Com a criação do curso gestou-se a proposta, de autoria do então Vice-Reitor Acadêmico, Dr. Edênio dos Reis Valle, para que se fizesse a História da Instituição. Um grupo se formou, e, concomitantemente ao curso, foi se organizando o levantamento de fontes nos arquivos da própria instituição e entrevistas com alguns dos agentes que fizeram a história da Universidade.

Teoricamente, os historiadores reconheciam a utilidade da técnica, mas o seu uso prático era restrito a alguns eruditos da área. A Documentação Oral parte da descoberta

1 Nós, particularmente, utilizamos o termo Documentação Oral, visto que o oral é apenas documento criado com o depoimento, instrumento que muito auxilia nas pesquisas contemporâneas.

do passado, e de fontes que se busca localizar, apreendendo, compreendendo, estabelecendo um sentido do que foi, do que aconteceu. Esta linha de preocupações nos conduziu à confecção de documentos não só fidedignos quanto à procedência, mas ricos de conteúdos².

Deste projeto de pesquisa, centrado no cruzamento de fontes orais e escritas, resultaram em um Museu de Rua e um farto e expressivo material, com várias entrevistas realizadas, cujas fitas foram transcritas pelo grupo de pesquisadores. Com base em algumas dessas entrevistas se inspira o artigo aqui apresentado.

A Documentação Oral, como técnica, possibilita o aparecimento de um tipo especial de fonte. O registro oral, diferentemente da autobiografia, é produzido pela interação entre entrevistador e entrevistado, assumindo o primeiro um papel fundamental. Dar ouvidos aos que viveram a história é, para Thompson, empreender a representação do passado³. A palavra daquele que viveu a história assume um papel muito significativo. A História Oral cresceu “como uma bola de neve”⁴ e nas últimas décadas passou a ocupar um espaço privilegiado no universo não só historiográfico, mas no conjunto das Ciências Humanas⁵.

Ao utilizar a entrevista para recuperar a trajetória, a construção e o desenvolvimento desta Universidade através da fala dos seus agentes, optamos por proceder como um diálogo, no qual o outro fala, mais do que uma “entrevista dirigida” passível de se transformar em uma fonte objetiva. Acreditamos que apenas esta explicitação permite-nos entender a dimensão do outro que constrói o seu próprio domínio do passado, com serenidade, na organização da sua memória a partir daquela situação. A espontaneidade, a sinceridade e as questões éticas assumem, assim, um papel fundamental nesta perspectiva. A entrevista espontânea, levada essencialmente pelos interesses do entrevistado, constitui-se em potencialidade da construção de uma *self image*, que se afirma a partir de um universo cultural específico.

2 Luciana Silveira de Aragão Frotas, *Documentação Oral e a temática da Seca (Estudos)*, Brasília, Centro Gráfico, Senado Federal, 1985.

3 P. Thompson, *The voice of Past: Oral History*, Oxford, Oxford Press, 1978.

4 Allan Nevins, *The uses of Oral History, in Duraway, David and Baum. K. Willa Oral History: an Interdisciplinary Anthology*, Nashville, American Association for State and Local History, 1984.

5 Dante M. Claramonte Gallian, *Pedaços da guerra: experiências com História Oral de Vida de Tobarrenhos* (dissertação mimeografada), USP, 1992.

Desta forma, a memória, veiculada pela narrativa da história de vida, registrada mecanicamente e logo transposta para o texto escrito, antes de ser algo dado *a priori*, passível de ser resgatada, é uma “invenção”, uma construção que se instituiu a partir da interação entre os dois *selves*⁶.

Com esse procedimento, é necessário ter paciência e cautela, posto que aumenta a responsabilidade ética do pesquisador, ao enfrentar o problema das relações de poder estabelecidas no trabalho com Documentação Oral em todas as suas etapas, desde os contatos preliminares, passando pela entrevista e chegando à fase de transcrição e análise⁷. Neste sentido, a redefinição de metodologia e das técnicas se apresenta como uma necessidade decorrente destas intenções específicas. Assim sendo, optamos pela entrevista não-diretiva, técnica que mais se adaptava ao nosso trabalho de campo, por estarmos lidando com intelectuais acadêmicos, nesta primeira fase da pesquisa. Isto não significa um silêncio do entrevistador ante o entrevistado, mas sim uma posição interativa do primeiro ante o segundo, pois é através dele que se realiza a direção da entrevista.

O entrevistado dá conta de suas experiências subjetivas a respeito de acontecimentos que tenha visto, escutado e ou participado. Por sua vez, o entrevistador deve estar atento ao propósito de não conduzir a entrevista aos seus fins e também para os aspectos dados como importantes pelos entrevistados, que podem ser indicadores do seu grau de compromisso com a situação. Muitos fenômenos históricos são produzidos a partir da oralidade, veículo que nos ajuda a entender a importância do acontecimento. Aliada ao vídeo, a palavra foi transformada em ato, dando às declarações, aos discursos e as entrevistas um cunho que data os nossos tempos de um presente pleno de “História”⁸.

Para podermos refletir sobre a nossa proposta de levantar dados, para um maior entendimento da História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, convém retrocedermos um pouco mais no tempo. Nas entrevistas, os nossos entrevistadores se referem a fatos que se projetaram nas suas gestões, mas cujo nascedouro tem suas raízes em outras temporalidades.

A Universidade Católica teve significativo crescimento a partir dos anos 60, quando se iniciaram os estudos e contatos para anexação de outras faculdades. Era uma fase

6 Idem, *ibidem*, p. 32.

7 Idem, *ibidem*, p. 33.

8 Frotas, *op. cit.*, p. 50.

de expansão quantitativa de cursos, de adaptação qualitativa, de crescimento de alunos, de aumento patrimonial que necessitava urgente de uma redefinição, na sua organização, e da rápida criação de um projeto educacional.

No cenário nacional, estávamos nas gestões dos governos militares e na eminência da Lei 5540 de 1968 (MECU-SAID), que vai se tornar um verdadeiro divisor de águas na política educacional brasileira⁹.

A Igreja conferia ao mundo o Vaticano II e, já em 1967, realizou na Colômbia, em Buga, o seminário sobre a Missão da Universidade Católica na América Latina, promovido pelo Departamento de Educação da Celam (Comissão Episcopal para a América Latina). O documento final apresentava os resultados de uma efetiva preocupação com as universidades católicas. A proposta era que essas se constituíssem em universidades portadoras de projeto unitário, orgânico, que orientasse suas atividades acadêmicas, no encaminhamento de um compromisso político, nas relações com a sociedade e seus problemas.

A PUC-SP, iluminada por estas questões, elaborou um projeto educacional de uma nova proposta curricular ampla e humanista¹⁰. Nasceu aí o Ciclo Básico, inovando e articulando o diálogo intracursos e intra-áreas, garantindo e estabelecendo o interdisciplinar. Tal acontecimento precedeu a proposta político/educacional governamental que veio bater de frente com a reforma interna da nossa academia. As entrevistas realizadas nos deram a certeza do ideal defendido por cada um dos personagens envolvidos nas tramas da construção desta Universidade. Relatos detalhados, choros expressos e contidos, entusiasmos declarados, ambições, sonhos, revoltas – a oralidade nos envolveu na cooptação desse monumento que estava sendo erigido.

Em junho de 1963, o Conselho Universitário, após dois meses de trabalho na reformulação do Regimento Interno da Universidade, resolveu, por unanimidade, apresentar ao Conselho Superior da Fundação São Paulo, uma proposta de reestruturação da PUC-SP. Este, por sua vez, aprovou os estatutos e deu plenos poderes ao Reitor e Diretor Executivo da Fundação São Paulo, o Bispo Dom Antonio Alves Siqueira, no

9 Roberto Coelho Barreiro Filho, *Igreja, Estado e universidade, estudo de caso: PUC/SP, seus 50 anos (1946-1996)* (tese digitada), História, PUC-SP, 1999.

10 Estas propostas foram elaboradas por uma comissão composta por: Prof. Casemiro dos Reis Filho (Educação), Prof. Dr. Joel Martins (Psicologia) e Dr. José M. Naganine (Assessoria Técnica de Planejamento). A partir dos documentos de Buga a comissão criou um projeto educacional para a Universidade Católica.

tocante à administração econômico-financeira da instituição. Esta decisão era uma clara demonstração de que a Cúria passava a administração da Universidade a ela própria, dando autonomia à gestão da reitoria na pessoa do seu Bispo¹¹. Este, por sua vez, passou uma procuração com plenos poderes ao Monsenhor Victor Ribeiro Nickelsburg, então Vice-Reitor. Foi esta a primeira reestruturação da PUC-SP, desde a sua fundação em 1946.

Até 1964, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo foi dirigida e acompanhada pelo atento olhar dos bispos e padres, que nela exerciam cargos administrativos.

Foi a partir daí, com a “revolução” militar de março e com as mudanças políticas implantadas no cenário nacional e no interno da Igreja, que se iniciou uma nova fase de gerenciamento da Igreja sobre a Universidade, um distanciamento que foi gradativamente implantado¹².

Coincidências de acontecimentos diferenciados que projetam as relações Igreja/Universidade e Sociedade e marcam sutilmente as relações da Universidade com o Estado de exceção que se inaugurava. Nesse mesmo ano o Cardeal de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, obtém do Papa Paulo VI sua transferência para Aparecida do Norte¹³. A influência do Cardeal Motta nas decisões centrais na Universidade é inegável, e seu afastamento teve grande significado político/religioso, que se disseminou na academia e foi fortemente controlado após a nomeação de Dom Agnelo Rossi e a posse do primeiro reitor leigo da PUC-SP.

O movimento militar de março de 1964 transformou a nação e trouxe grandes mudanças para a sociedade civil. A universidade brasileira não foi poupada. Os militares, ao dominarem a cena política, acreditavam que tinham uma séria missão a cumprir, que era a de colocar o país nos eixos, acabando com a corrupção e com a subversão.

No começo dos anos 60, depois do desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek e da rápida passagem de Jânio Quadros pela presidência da República, João Goulart, seu vice, chegou ao poder com a promessa de realizar um desenvolvimento econômico independente, com uma forte carga de justiça social. Foi derrubado pelos militares,

11 Com o afastamento gradativo do Reitor Antonio Alves de Siqueira e do Monsenhor Victor Ribeiro Nickelsburg e do Pe. Dr. Ramon Ortiz (Vice-Reitor), o cargo passou interinamente a ser exercido pelo Prof. Dr. Oswaldo Aranha Bandeira de Mello.

12 Barreiro Filho, op. cit.

13 De 29/junho/64 a 20/dezembro/64 o cargo de Grão-Chanceler fica vago em São Paulo, ocasião em que é nomeado Dom Agnelo Rossi e a Universidade voltou a ter seu timoneiro.

apoiados por setores que temiam que o desenvolvimento proposto pelo novo presidente os deixasse de fora das relações de poder, ou então que o Brasil acabasse adotando o modelo socialista. Esses setores eram os latifundiários, as empresas estrangeiras que tinham investimentos no país, os grandes empresários, os jornais conservadores e a Igreja católica. Alguns personagens desses setores ainda ocupam espaço na conjuntura presente, colaborando com a idéia de que a história não é uma coleção de fatos passados, mas antes um processo vivo e contínuo em que todos estão incluídos como personagens e com significados.

Parece que a década de 60 herdou a instabilidade anterior, caracterizando-se por um forte processo inflacionário, revoltas de operários e exigências de crédito pelo empresariado. O clima era de insegurança e as reformas eram vistas como perigosas às instituições democráticas. Esse conjunto de fatores une as oposições em movimento político-militar, sob o pretexto da democracia, contra o comunismo e a corrupção. O Executivo passou a centralizar o poder com força extraordinária. A vida política reduziu-se a apenas dois partidos e as eleições passaram a ser indiretas. As metas prioritárias do Estado eram o combate à inflação, o incentivo à exportação e à entrada do capital estrangeiro, a integração nacional, o arrocho salarial e as reformas educacionais.

A Universidade Católica não fugiu dessas questões e procurou resolver algumas das suas questões internas mais prementes. A crise é geral e, na Universidade, a crise financeira é desgastante tanto no *campus* central, em São Paulo, como em Sorocaba. Empréstimos foram praticados para que as obras de ampliação pudessem chegar ao término. É natural que o processo inflacionário galopante acentuasse novos déficits orçamentários.

Neste clima, em 1968, o reitor Bandeira de Mello é reconduzido ao cargo por mais quatro anos. Os reflexos do Encontro de Buga (missão da Universidade Católica na América Latina), em consonância com o Encontro Vaticano II, levaram a administração da Universidade a encampar as idéias de Medclim, somadas às anteriores, na formação de quadros críticos¹⁴.

Os anos passaram, rápidos, e questões graves não foram solucionadas. Em 20 de novembro de 72, assumiu a reitoria o Prof. Dr. Geraldo Ataliba Nogueira, entre discussões e desentendimentos de grupos na Universidade. Da mesma forma que o Reitor anterior, o novo vinha também da Faculdade de Direito. Período bastante conturbado.

14 Entrevista realizada na Reitoria da PUC-SP com o então Reitor Bandeira de Mello, em agosto de 1979.

Nesse clima, a nova reitoria era composta pelo Vice-Reitor Acadêmico, Prof. Dr. Celso Antonio Bandeira de Mello, também da Faculdade de Direito, e pela Vice-Reitora Administrativa Prof.^a Dr.^a Ir. Leda Maria Pereira Rodrigues, uma mulher no poder, oriunda do Sedes Sapientiae, da Faculdade de Ciências Sociais. Em meio a uma luta política de grandes proporções esta Reitoria deixou a marca da concretização da reforma acadêmica proposta pelos documentos de Puebla, Medelin e Vaticano II e pelos poderes governamentais numa atitude quase de enfrentamento à política nacional, com a criação do Ciclo Básico, dos Centros e da organização da estrutura interna da Universidade. Ainda durante essa gestão, foi criada e desenvolvida a carreira docente e administrativa e realizada a reforma estatutária. Esse conjunto de realizações necessárias às propostas de reforma vinda da própria Igreja e assumidas pela Universidade acabou por agravar ainda mais seu processo de crise financeira, somado aos empréstimos junto à Caixa Econômica Federal pelo FAS¹⁵, para a construção do Prédio Bandeira de Mello¹⁶. Figura expressiva na comunidade jurista de São Paulo, o reitor, com a sua peculiar sinceridade e de homem aparentemente “bonachão”, deu-nos condições de, através de seu substancial e detalhado depoimento, entendermos os rumos que esta Universidade tomava, mesmo diante de uma crise. Homem ilustre, destemido, apostou e ganhou.

À frente do Arcebispado estava D. Paulo Evaristo Arns¹⁷, e a resistência política ainda foi mais forte, pois o Cardeal defendeu com personalidade os direitos humanos. Sua presença rapidamente se transformou em símbolo de compromisso, de toda Igreja, com a causa dos pobres e a defesa dos injustiçados. Em seu passado, Dom Paulo sempre esteve ligado ao mundo universitário e, como Grão-Chanceler, sua atuação voltou-se para uma Universidade comprometida com o povo.

*Trazer o povo para dentro da Universidade e levar a Universidade ao povo. (...) A nossa identidade aqui na PUC-SP é o Evangelho, é a orientação da Igreja no Brasil e da Igreja de São Paulo, ligada à Igreja que é Universal.*¹⁸

15 Fundo de Assistência Social da Caixa Econômica Federal.

16 O Prédio Bandeira de Mello, construído na década de 70, é conhecido internamente pelos usuários e alunos da Universidade como Prédio Novo e sua arquitetura não segue as mesmas linhas do conjunto arquitetônico existente.

17 D. Paulo Evaristo Arns assumiu o cargo de Arcebispo de São Paulo em 1971.

18 Fala de Dom Paulo Evaristo Arns no Encontro com os dirigentes da PUC-SP em 26/2/1982, na sala 333, do prédio Bandeira de Mello.

Este momento na história da nossa Universidade é marcado pelos movimentos de vanguarda. Uma grande parcela dos perseguidos políticos, docentes de outras universidades e de notório saber é abrigada pela PUC-SP, com contratações e direitos trabalhistas, e passa a compor o quadro docente da Universidade. Os cursos de pós-graduação contavam então com a presença de grandes nomes da intelectualidade brasileira. A crise financeira, entretanto, continuava a causar grandes transtornos à Universidade, e a atitude do Arcebispo foi a criação e colocação de um Secretário da Fundação São Paulo para gerenciar a parte financeira¹⁹.

Esta questão gerou um clima pouco ameno, criando um certo mal-estar entre os membros da reitoria e a administração da Cúria. Era o olhar da Igreja diante da sociedade civil e o da Universidade que desejava uma autonomia para lidar com o acadêmico e com o administrativo.

*Quando a universidade está em crise, está também o ensino. Isto nos mostra a crise econômica que nos atinge provocando uma crise social, provocando uma ação política. Acho que a Universidade, marcada por tantos problemas, deve ser um grande sinal de esperança em São Paulo. Quero dizer que estou ao lado de vocês, se vocês estiverem ao lado do povo para que esta caminhada que temos que fazer. Caso contrário, estaremos perdendo para os fatores imperialistas vigentes. Nós gostaríamos que a Universidade fosse do povo. Alma e esperanças deste povo.*²⁰

Esta postura do Cardeal de São Paulo nos esclareceu, de forma forte, como esta Universidade constestava o regime vigente e como se tornou vanguarda dos movimentos sociais em geral e, especialmente, o movimento estudantil. Eram novas esperanças que foram expostas, mas não bem captadas pela comunidade e pela própria sociedade, às vezes, em ocasiões mais gritantes.

Quando o Reitor Prof. Dr. Geraldo Ataliba Nogueira passou, em 1976, o cargo para a Prof.^a Dr.^a Nadir Gouvea Kfourí, o cargo de Secretário passou a ser cumulativo ao de Vice-Reitor Administrativo, exercido, nesta gestão, pelo Prof. Armando João Caropreso.

A nova personagem que passamos a focar com mais ênfase, agora, é a Prof.^a Dr.^a Nadir Gouvea Kfourí. Dr.^a Nadir é conhecida e sempre foi respeitada na área do Serviço Social como integrante das “pioneiras”, ao lado de Helena Junqueira Suzana Medeiros

19 A pessoa indicada para esse novo cargo é o Prof. Fernando do Val.

20 Dom Paulo Evaristo Arns, op. cit.

e outras, como são chamadas aquelas que, em décadas anteriores, se dedicaram com afinco ao assistencialismo e ao reconhecimento da competência e do trabalho do assistente social.

Talvez pelo seu envolvimento nesta área, muito ligada pelo seu ofício à Igreja, é que chegou à direção geral desta Universidade, tendo seu nome indicado pelo próprio Cardeal.

Seus pares na reitoria foram o Vice-Reitor Comunitário Padre Prof. Dr. João Edênio dos Reis Valle, da Faculdade de Psicologia e Prof. Armando João Caropreso, Vice-Administrativo que participou do cargo de Secretário Executivo até meados do ano de 1990 e Prof. Dr. Casemiro dos Reis Filho, da Faculdade de Educação, e depois substituído pelo Prof. Dr. Antonio Severino, também da Faculdade de Educação.

Durante esta gestão a Universidade participou de vários movimentos da Igreja através do Instituto de Estudos Especiais sob a direção de um expressivo timoneiro, Prof. Dr. José J. Queiroz. Foram ligações e participações nacionais e internacionais, nas quais os trabalhos das pastorais da Universidade e de organismos internacionais foram crescendo numa dinâmica de excelência. Isto exigia uma autonomia política ante o Estado, livre das injunções, pressões e imposições de diversos partidos, distintas ideologias e sistemas de poder. Isto também era praticado nas relações da Universidade com a Igreja. A Universidade ocupou espaços que antes não lhe eram permitidos, e o Cardeal lhe concedia algumas práticas de ensaio democrático.

Fui convidada diretamente pelo Grão-Chanceler, a quem, de acordo com os nossos estatutos, cabe a escolha do reitor. Dom Paulo me chamou e comentou, brincando, que se tratava do “Ano Internacional da Mulher”, e que ele gostaria que a Universidade Católica – onde um número tão grande de mulheres estudava e onde havia, também, um número muito grande e muito competente de mulheres universitárias docentes – tivesse, à sua frente uma reitora, uma mulher.²¹

Tratava-se na realidade de trazer para a direção da Universidade não apenas uma mulher, mas, sim, uma mulher engajada e conhecedora das questões sociais. Portanto, levar a Universidade à caminhada do povo, através de projetos acadêmicos amplos que se coadunassem com o espírito de justiça evangelizadora da Igreja naquele momento.

21 Entrevista realizada na reitoria da PUC-SP com a Reitora Prof.^a Dr.^a Nadir Gouvêa Kfoury em 22 de setembro de 1982.

A Prof.^a Dr.^a Nadir G. Kfouyi herdou uma dívida com a Caixa Econômica Federal, uma reforma estrutural realizada internamente na Universidade com a carreira docente e administrativa que onerou a folha de pagamento, a construção e finalização do prédio da Rua Ministro de Godoy, o prédio Bandeira de Mello, que ocupou uma grande parte da chácara que ficava nos fundos do antigo convento das irmãs Carmelitas. Além dessas questões internas havia um entrave político com o governo federal pelas razões e rumos tomados pela PUC-SP.

A primeira reitora mulher da história da Universidade, vinda não da Faculdade de Direito mas da Faculdade Paulista de Serviço Social, fez de suas duas gestões a marca histórica da resistência e da democracia universitária da PUC-SP.

Agora com relação ao segundo mandato, já foi feita uma consulta à Comunidade, através do processo de eleições. Uma vez que o próprio Grão-Chanceler, quando o nosso mandato terminou, entendeu que, ao invés de usar do seu direito concedido pelos estatutos de indicar o Reitor, ele gostaria de ouvir a Comunidade.

Então, dirigiu uma carta à Universidade, em que ele expunha a sua aspiração de ouvir a Comunidade, e que sabia também, ia ao encontro de uma aspiração da PUC, de participar, também, da indicação do nome do reitor:

E ele, ali, alinhavava algumas qualidades que, ao seu ver, deveriam caracterizar o perfil de um reitor: professor que pudesse trabalhar em grupo; que fosse capaz de diálogo, de valorizar a qualificação do ensino, que continuasse a trabalhar no incentivo da abertura da PUC para, não só do ponto de vista do espaço cultural que a PUC abriu, mas, no sentido de que esse espaço se voltasse para as necessidades do nosso povo, sobretudo do nosso povo marginalizado, na linha daquela opção preferencial da igreja pelos pobres. Bom, para minha surpresa, depois de declarar, não foi declarar formalmente não, foi declarar autenticamente – que nós considerávamos encerrado o nosso mandato, e que, entendíamos, havíamos cumprido a nossa missão, e que, agora, a PUC deveria renovar o seu colegiado é, diretor, reitor. Na realidade, quase que fui pressionada de muitas formas pelos professores, pelos alunos, e, depois de me recusar – recusar sistematicamente – houve um dia que não foi mais possível.

Embora todos concordassem, que o princípio de renovação é um princípio saudável, eles entendiam que, naquele momento, não era oportuno. Bom, diante daquilo, eu disse: – Eu não me candidato, porque efetivamente, não estou me candidatando à reitoria da Universidade, mas eu aceito que vocês proponham meu nome.²²

Na consulta feita à Comunidade, pela primeira vez, a Prof.^a Dr.^a Nadir foi a pessoa mais votada. Iniciava-se, além da continuação de tudo que havia se proposto, uma nova fase para a Universidade. Comunidade, reitoria e Igreja passaram a conjugar dos mesmo

22 Idem, Ibidem.

ideais e inúmeros foram os projetos desenvolvidos na Universidade na linha da Pastoral da Igreja para o Brasil e para São Paulo. Do ponto de vista acadêmico, a Universidade se consolidou como uma instituição de plena qualidade, reconhecida em âmbito nacional e com fortes ligações internacionais.

A Prof.^a Dr.^a Nadir ingressou na Universidade como docente em 1º de fevereiro de 1940, na Faculdade Paulista de Serviço Social, e deixou a PUC-SP no dia 30 de novembro de 1984, apenas dois dias após o término do seu último mandato de Reitora na faculdade. A partir daí, nunca mais voltou à instituição, nem mesmo quando esta lhe rendeu uma homenagem, dando o seu nome à biblioteca central após sua informatização. Nessa ocasião, perante a reitoria e a comunidade, ela fez-se representar pela Prof.^a Dr.^a Suzana Medeiros, atual coordenadora do curso de Gerontologia, no curso de pós-graduação. Mulher corajosa e destemida, que caminhou com a instituição, viveu-a, deu-lhe rumo e norteou-a no seu momento político mais crítico, dando-lhe uma feição democrática que nenhuma universidade brasileira jamais teve.

A reitoria incentivou e consolidou a formação das associações de professores e funcionários (Apropuc e Afapuc), aceitou e tornou realidade a formação de conselhos paritários, mesmo com alguns docentes refratários a isso, e com a participação efetiva de alunos envolvidos no movimento estudantil mais amplo. Foram as suas duas gestões, sobretudo a última, um dos momentos mais efervescentes e mais dinâmicos desta Universidade. Outro, dos vários feitos, foi a instalação da Constituinte interna para elaboração dos estatutos, antecipado por um processo de eleições diretas para a escolha de vários cargos administrativos e de comando da Universidade.

Um fato significativo é este processo da Constituinte, e que foi antecipado por aquele processo de eleições para a escolha dos vários cargos administrativos e de comando na Universidade. Este princípio foi se desdobrando até chefias, direções de Faculdades e chefias de departamentos. Então, esse é um fato marcante, e, agora, culmina com este processo de revisão, de repensar os nossos Estatutos, através deste processo participativo, com a criação da Comissão Constituinte que atendeu a uma aspiração da nossa Comunidade e do nosso Conselho Universitário. Este é um processo que ainda está acontecendo, né?²³

Houve uma ampla aglutinação de todos os setores, não importando quem fosse o autor de idéias, o importante era que elas, se boas, realizavam-se. A sistematização e a exigência da pesquisa e da carreira docente criaram os interesses do colegiado na interdisciplinaridade e, sobretudo, na elevação da qualidade temática.

23 Idem, *ibidem*.

Na interpretação das Pastorais, os Institutos Especiais (I.E.E.), antes já criados, tiveram um grande e qualitativo incentivo e inúmeros foram os convênios firmados e os impulsos gerados por esses contatos na associação com a área acadêmica. “*Outro fato, que eu assinalaria como fundamental neste período, foi o grande empenho na qualificação do nosso corpo docente o empenho para a melhoria do nosso padrão de ensino*”²⁴.

A Universidade passava pelo seu período de maior intensidade democrática e incentivo à carreira docente e de forte convicção educacional. A PUC-SP demonstrava personalidade, de caráter universitário, na busca da verdade e dos direitos inalienáveis do ser humano, num comportamento de defesa de direitos sociais, de saneamento de injustiças, de liberdade de pesquisa, de respeito entre os pares. Foram incentivados os contratos de tempo integral ou parcial e também um aumento significativo dos cursos de pós-graduação e dos novos doutores e mestres no corpo docente. Regularizada a carreira docente, houve abertura de concursos para promoção na carreira, de forma intensa, o que nos colocava entre as universidades expressivas do país.

A PUC-SP caminhava no embalo de mudanças significativas, em um período de democratização interna bastante valorizado pela comunidade. Um fato que se projetou no cenário universitário nacional foi a realização da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) no *campus* da nossa universidade, depois de ter sido proibida a sua efetivação pelo governo militar, em qualquer *campus* federal, estadual, municipal oficial ou particular.

Para a PUC-SP, nesta ocasião, encaminharam-se os mais expressivos nomes de intelectuais brasileiros e internacionais, com propostas e falas político/acadêmicas arrojadas, numa viva demonstração de ousadia, dando a esta universidade o conceito de vanguardismo de abertura interna no âmbito nacional.

A contrapartida não demorou a chegar, através de um acontecimento, truculento, carregado de violências desnecessárias com grandes prejuízos materiais e danos morais. Trata-se da invasão de tropas militares na Universidade, acontecimento doloroso que chocou profundamente a sociedade civil. Isto foi relatado pela própria protagonista, e é possível refletir e ressaltar o perfil de coragem e de liderança de uma mulher timoneira, na proa desta Universidade.

24 Idem, *ibidem*.

Este fato está inteiramente documentado no Relatório da Reitoria, publicado em 1977, na Revista da Universidade, em um texto extenso e bastante esclarecedor.

Mas vamos recuperar a voz da reitora: *“Como é que podia ter a polícia procedido com tanta violência e causado tantos prejuízos e danos à Universidade? ... eu não estava pensando no prejuízo físico, eu estava pensando no prejuízo moral”*²⁵.

A nossa entrevista estava sendo feita na data que relembra a invasão e os alunos faziam algumas manifestações que, pelo som alto, chegavam como protestos às janelas da Reitoria. A reitora parou e muito comovida prosseguiu.

Você, neste momento, está ouvindo, aí, pela movimentação, que hoje, justamente, está se rememorando aquele fato lamentável, que foi o da invasão da nossa Universidade.

Então, eu penso que não é possível pensar na minha gestão sem esta ocorrência tão dolorosa, na medida em que foi uma violência, e a violência é sempre alguma coisa que choca. Até hoje me causa um impacto falar sobre isso. Eu me emociono, quando falo sobre isso.

Hoje o que a gente sente, aí, é o compasso da música que se está ouvindo, não é? Porque os nossos alunos entendem que é preciso ter presente essa memória, mas que, também, a gente vê o lado positivo dela, que foi esta aglutinação de todos aqui: corpo docente, administrativo discente, em torno da nossa Universidade.

Então este fato da invasão da PUC, realmente, eu acho que representou um marco na minha gestão. Com toda esta carga negativa que um ato de violência representa, invadir uma Universidade, com aquelas conseqüências que nós todos conhecemos, houve, também, isso que se diz, que “Deus escreve direito por linhas tortas”, um aspecto positivo, que foi uma unidade maior na nossa Universidade, em torno do seu projeto, e, num certo sentido, também uma luta, que deixou arraigada em nós essa idéia de abertura, e de abertura democrática.

*Muito bem. No dia 22, eu saí para almoçar. Na hora de sair, eu vi que havia mesmo uma movimentação de estudantes, mas, daqui a pouco, foi uma movimentação muito grande, e, mais tarde, apareceu um comunicado de que os estudantes tinham, ludibriando a polícia, realizado, numa das salas da Universidade, o tal do III Encontro. Muito bem ... paciência! E, para aquela noite, já estava marcada uma Assembléia, um encontro, em frente ao TUCA, para discutir a problemática da UNE. E, não havia uma proibição formal, com relação a este ato público. Havia, isso sim, com relação à realização do III ENE. É preciso, até, checar se é o III ENE ... acho que é o III Encontro Nacional de Estudantes.*²⁶

25 Idem, ibidem.

26 Idem, ibidem.

Vários foram o telefonemas, recados e chamados feitos à nossa reitora para que retornasse à Universidade. Era o horário do fim da primeira aula e começo da segunda quando a invasão do *campus* aconteceu. Todos, estudantes, professores, funcionários, vizinhos, a sociedade, enfim, todos, foram apanhados de surpresa e a tragédia aconteceu.

Então, evidentemente, eu saí indignada de casa e fui até lá. E, lá estava, pontificando, Sua Excelência o Coronel Erasmo. E, eu protelei: "Como é que podia ter a polícia procedido com tanta violência? e causado tantos prejuízos e tantos danos à Universidade". Ele me disse: "Nós pagamos os danos". Eu disse: "Há danos que não se paga". Eu não estava pensando no prejuízo físico, eu estava pensando no prejuízo moral. E, aí, foi aquele diálogo desagradável com Erasmo e uma outra pessoa do Exército, que estava, também, prá cá e prá lá.

E os nossos estudantes ali, sentados, apavorados, esperando serem liberados ou serem presos. E, de vez em quando, o Coronel Erasmo fazia a leitura de uma lista de estudantes, que deveriam ser presos, porque já tinham passado pela polícia, e porque era, já, a segunda vez, então, se eles estivessem ali presentes já seria uma segunda vez que eles estariam enfrentando a segurança, porque, antes, tinha ocorrido uma missa na Penha, ou qualquer coisa assim.

Eu fiquei ali, até o final da madrugada, até todos os nossos estudantes serem liberados. E, eu devo reconhecer que uma pessoa, que é o Dr. Romeu Tuma, que é o atual Diretor do DOPS, eu devo reconhecer que o Romeu Tuma, no que ele pode ajudar, ele ajudou, a ponto de, num determinado momento, o Coronel Erasmo ter chamado a atenção dele: "Ah! Isso aqui não é, não é lugar de recreação, não é para estar conversando, para não sei o quê, não sei quanto", porque ele costumava vir aqui, e queria explicar. Ele mesmo se prontificou a, rapidamente bater a lista dos estudantes que estava, ali, para os liberar logo.

E, naturalmente, os repórteres, e aquela história toda. E, eu vou dizer a você, até hoje, eu não gosto de entrevistas – hoje mesmo, estão aí, a TV Globo, TV Bandeirantes, me pedindo entrevistas – porque eu não gosto mais de tocar neste assunto da memória da Universidade.²⁷

Os primeiros reitores leigos conseguiram com esforço, dedicação e amor dar à Universidade um perfil, e a projetaram no universo da intelectualidade brasileira, por seus atos, sua performance e seu extremado idealismo. Admirável exemplo de vida. Foram, na realidade, grandes batalhadores, competentes, corteses e sábios. Deles temos saudades. São reminências de tempos vividos e compartilhados.

27 *Idem, ibidem.*

A História Oral é a história do tempo presente, contribui particularmente para o entendimento das relações entre a ação voluntária, a consciência dos homens e os contra argumentos desconhecidos que a encerram e a delimitam.²⁸

28 Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coords.), *Usos e abusos da História Oral*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 12.